



## Prevalência de transtornos mentais comuns e fatores associados entre trabalhadores de enfermagem em terapia intensiva

Prevalence of common mental disorders and associated factors among intensive care nursing Workers

Prevalencia de trastornos mentales comunes y factores asociados entre trabajadores de enfermería en cuidados intensivos

Ariadne Ferreira Rangel<sup>1</sup>, Camila Carvalho de Sousa<sup>2</sup>, Alessandra Rabelo Gonçalves Fernandes<sup>2</sup>, Valdenir Almeida da Silva<sup>2</sup>.

### RESUMO

**Objetivo:** Investigar a prevalência e os fatores associados aos transtornos mentais comuns (TMC) em TRABALHADORES de enfermagem intensivistas, durante a pandemia da Covid-19. **Métodos:** Estudo de corte transversal, realizado em um hospital público universitário de média e alta complexidade, localizado na Bahia, Brasil. A amostra foi composta por 90 profissionais de enfermagem que atuavam em UTI durante a pandemia da COVID-19. A análise de dados envolveu descrição de frequências absolutas e relativas das variáveis de interesse do estudo, seguida de análises bivariadas para verificar associação entre características sociodemográficas e do trabalho com os TMC, considerou-se o valor de  $p < 0,05$  para associações estatisticamente significantes. **Resultados:** A prevalência de TMC foi de 38,9%. Fatores sociodemográficos e laborais associaram-se à ocorrência de TMC, no entanto, apenas o sexo apresentou significância estatística ( $p < 0,036$ ). **Conclusão:** Nota-se elevada prevalência de TMC entre trabalhadores de enfermagem intensivista, fato que pode ter sido agravado pela pandemia da COVID-19. Além disso, observa-se que a persistência de desigualdades de gênero pode ter contribuído para elevar a prevalência de TMC entre as mulheres. Ressalta-se a necessidade de mudanças institucionais para redução das desigualdades de gênero e promoção de um ambiente de trabalho mais saudável

**Palavras-chave:** Transtornos Mentais Comuns, Unidade de Terapia Intensiva, Enfermagem, COVID-19.

### ABSTRACT

**Objective:** To investigate the prevalence and factors associated with common mental disorders (CMD) in intensive care nursing workers during the Covid-19 pandemic. **Methods:** Cross-sectional study, carried out in a public university hospital of medium and high complexity, located in Bahia, Brazil. The sample consisted of 90 nursing professionals who worked in the ICU during the COVID-19 pandemic. Data analysis involved description of absolute and relative frequencies of the variables of interest in the study, followed by bivariate analyzes to verify the association between sociodemographic and work characteristics with CMD, considering the  $p$  value  $< 0.05$  for statistically significant associations. **Results:** The prevalence of CMD was 38.9%. Sociodemographic and work factors were associated with the occurrence of CMD, however, only gender was

<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador - BA.

<sup>2</sup> Hospital Universitário Professore Edgar Santos (HUPES-UFBA), Salvador - BA.

statistically significant ( $p < 0.036$ ). **Conclusion:** There is a high prevalence of CMD among intensive care nursing workers, a fact that may have been aggravated by the COVID-19 pandemic. Furthermore, it is observed that the persistence of gender inequalities may have contributed to increase the prevalence of CMD among women. It emphasizes the need for institutional changes to reduce gender inequalities and promote a healthier work environment.

**Keywords:** Common Mental Disorders, Intensive care unit, Nursing, COVID-19.

## RESUMEN

**Objetivo:** Investigar la prevalencia y los factores asociados a los trastornos mentales comunes (TMC) en trabajadores de enfermería de cuidados intensivos durante la pandemia de Covid-19. **Métodos:** Estudio transversal, realizado en un hospital universitario público de mediana y alta complejidad, ubicado en Bahía, Brasil. La muestra estuvo conformada por 90 profesionales de enfermería que laboraron en la UCI durante la pandemia por COVID-19. El análisis de datos implicó la descripción de frecuencias absolutas y relativas de las variables de interés en el estudio, seguido de análisis bivariados para verificar la asociación entre características sociodemográficas y laborales con TMC, considerando el valor de  $p < 0,05$  para asociaciones estadísticamente significativas. **Resultados:** La prevalencia de TMC fue del 38,9%. Los factores sociodemográficos y laborales se asociaron con la ocurrencia de TMC, sin embargo, solo el género fue estadísticamente significativo ( $p < 0,036$ ). **Conclusión:** Existe una alta prevalencia de TMC entre los trabajadores de enfermería de cuidados intensivos, hecho que puede haber sido agravado por la pandemia de COVID-19. Además, se observa que la persistencia de las desigualdades de género puede haber contribuido a aumentar la prevalencia de TMC entre las mujeres. Enfatiza la necesidad de cambios institucionales para reducir las desigualdades de género y promover un ambiente de trabajo más saludable.

**Palabras clave:** Trastornos Mentales Comunes, Unidad de terapia intensiva, Enfermería, COVID-19.

## INTRODUÇÃO

O trabalho em enfermagem é caracterizado por inúmeros fatores estressores que estão relacionados ao adoecimento psíquico: a sobrecarga de trabalho devido à escassez de recursos humanos e materiais; condições inadequadas de trabalho – desde a estrutura física até a responsabilização por problemas administrativos das instituições; ausência de locais para refeições e/ou descanso; acúmulo de vínculos empregatícios, e organização parcelada e hierarquizada do trabalho (ANDRADE FXF e SANTOS AC, 2021). Soma-se se a isso a alta demanda psicológica advinda da dor, sofrimento e morte, eventos constantes no ambiente hospitalar e que exigem rigoroso controle emocional. Nas unidades de terapia intensiva (UTI), esse cenário não é diferente. Somam-se a esses aspectos a alta demanda psicológica, elevando assim, o risco de adoecimento mental, pela sobreposição de exposições desfavoráveis à saúde (CRUZ SPDL e ABELAN MV, 2015).

Estudos têm revelado elevadas prevalência de Transtornos Mentais Comuns (TMC) entre trabalhadores de enfermagem (MOURA RCD, et al., 2022; CENTENARO APFC, et al., 2022; SANTOS FF, et al., 2020). Os TMC correspondem a uma situação de agravo à saúde onde indivíduos não preenchem os parâmetros formais para um diagnóstico de depressão e/ ou ansiedade, segundo DSM-IV (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – Fourth Edition) e CID-10 (Classificação Internacional de Doenças), porém apresentam sintomatologia, caracterizada por irritabilidade, insônia, estados de ansiedade, fadiga, dificuldade de memória e concentração, podendo ocasionar uma incapacidade funcional, por vezes pior do que uma clínica crônica já determinada (BARRETO DO CARMO MB, et al., 2018).

Durante a pandemia da Covid-19, a equipe de enfermagem experimentou a intensificação dos estressores laborais, especialmente, dentro das UTIs, situação que pode ter contribuído para elevar os agravos à saúde mental desses trabalhadores, a exemplo da ocorrência TMC. Nesse período, os trabalhadores de enfermagem se depararam com a vivência constante de sentimentos negativos como solidão, preocupação com a possibilidade de infectar seus familiares, o medo do desconhecido, pois ainda existiam poucas

orientações oficiais sobre o manejo do vírus, a angústia associada a falta de suprimentos médicos e equipamentos de proteção individual (KANG L, et al., 2020; OLIVEIRA WA et al., 2020; ZHANG W, et al., 2020).

Acredita-se que a análise das condições de saúde dos trabalhadores de enfermagem intensivista é uma importante ferramenta para subsidiar a implementação de ações estratégicas e cientificamente fundamentadas para reduzir a exposição desses trabalhadores ao adoecimento mental. Diante do exposto, o presente estudo objetivou investigar a prevalência e os fatores associados aos transtornos mentais comuns (TMC) em trabalhadores de enfermagem intensivistas, durante a pandemia da COVID-19.

## MÉTODOS

Estudo epidemiológico de corte transversal, caráter exploratório, realizado com trabalhadores de enfermagem de terapia intensiva de um hospital público universitário, desenvolvido entre os meses de março a outubro de 2021. Este estudo integra um projeto de pesquisa intitulado “Prática de enfermagem no contexto da pandemia pelo novo Coronavírus”, seguindo todos os requisitos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde com aprovação por um Comitê de Ética em Pesquisa, mediante CAAE 36841720.0.0000.0049 e Parecer 4.278.970

O hospital possui 20 leitos de terapia intensiva para adultos, divididos em duas unidades. A equipe de enfermagem é composta por 97 trabalhadores, sendo 57 técnicos de enfermagem e 40 enfermeiros. Todos os trabalhadores de enfermagem pertencentes às unidades de terapia intensiva e em efetivo exercício no período da coleta foram convidados a participar da pesquisa, sendo contactados em seus respectivos postos de trabalho. Após aceite, os trabalhadores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em seguida responderam a um questionário estruturado, para identificação de dados sociodemográficos, características do trabalho e saúde mental. Os critérios de inclusão do estudo foram: trabalhadores que estavam em efetivo exercício profissional sendo excluídos trabalhadores afastados por licenças médicas e/ou férias.

Os TMC foram avaliados pelo Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20), instrumento desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde, com o objetivo avaliar os transtornos mentais em países em desenvolvimento. O SRQ-20 é um instrumento autoaplicável, composto de 20 questões, com uma escala de resposta dicotômica (sim/não) para cada pergunta, que permite rastrear indivíduos com TMC, tendo como ponto de corte, sete ou mais respostas positivas para mulheres e cinco ou mais respostas positivas para os homens.

O SRQ-20 apresentou desempenho aceitável para avaliar a saúde mental de trabalhadores no Brasil (SANTOS KOB, et al., 2010). Este instrumento não diagnostica, mas indica a suspeição de ocorrência de transtorno mental, apesar de não identificar qual o transtorno existente. A aplicação do SRQ-20 permite a detecção de sintomas neuróticos, próximos aos sintomas que caracterizam os sintomas depressivos como insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas (BARRETO DO CARMO MB, et al., 2018).

As covariáveis estudadas foram: as características sociodemográficas (sexo, idade, filhos, situação conjugal) e informações gerais sobre o trabalho (função, quantidade de vínculos empregatícios e turno de trabalho).

A análise de dados foi realizada por etapas, inicialmente, foi feita a descrição da população estudada. Esta primeira etapa envolveu descrição de frequências absolutas e relativas das variáveis de interesse do estudo. Em seguida, foram realizadas análises bivariadas, para analisar associação entre as características sociodemográficas e do trabalho com os TMC. Foram calculadas as razões de prevalências, intervalos de confiança de 95% e os valores de p pelo teste qui-quadrado. Foram considerados parâmetros para associação estatisticamente significativa os valores de  $p \leq 0,05$ . Para análise de dados utilizou-se os programas Statistical Program for the Social Sciences 15.0 (SPSS 15.0) e Epiinfo 6.0.

## RESULTADOS

Participaram do estudo 90 trabalhadores de enfermagem de unidades de terapia intensiva, em sua maioria mulheres, com mais de 35 anos de idade, com filhos e que referiram possuir companheiro (**Tabela 1**).

**Tabela 1** - Características sociodemográficas de trabalhadores de enfermagem intensivista de um hospital público.

Características sociodemográficas	N	%
<b>Sexo (90)*</b>		
Masculino	19	21,1
Feminino	71	78,9
<b>Filhos (90)*</b>		
Não	35	38,9
Sim	55	61,1
<b>Idade (90)*</b>		
Até 35 anos	28	31,1
36 anos ou mais	62	68,9
<b>Situação conjugal (70)*</b>		
Com companheiro	45	64,3
Sem companheiro	25	35,7
<b>Raça/cor (88)*</b>		
Brancos	8	9,1
Pretos/pardos	80	90,9

**Legenda:** \*Os N variaram em função de perdas de informações para as variáveis analisadas.

**Fonte:** Rangel AF, et al., 2023.

Em relação às características do trabalho verificou-se predominantemente a categoria técnicos de enfermagem, com um único vínculo empregatício e que realizam exclusivamente plantões noturno (**Tabela 2**).

**Tabela 2** - Características do trabalho e frequência de transtornos mentais comuns entre trabalhadores de enfermagem intensivista de um hospital público.

Aspectos psicossociais do trabalho	n	%
<b>Categoria profissional (90)</b>		
Enfermeiro/a	38	42,2
Auxiliar/Téc. Enfermagem	52	57,8
<b>Vínculo de trabalho (45)*</b>		
Celetista mediante concurso	43	95,6
Estatutário	2	4,4
<b>Possui outro emprego (90)*</b>		
Sim	43	47,8
Não	47	52,2
<b>Turno de trabalho (90)*</b>		
Diurno	34	37,8
Noturno	41	45,6
Escala Mista	15	16,7
<b>Unidade (90)*</b>		
UTI Geral	45	50,0
UTI Cardiológica	45	50,0
<b>Transtornos Mentais Comuns (TMC) (90)*</b>		
Não	55	61,1
Sim	35	38,9

**Legenda:** \*Os N variaram em função de perdas de informações para as variáveis analisadas.

**Fonte:** Rangel AF, et al., 2023.

A prevalência global de TMC foi de 38,9%. As variáveis sexo feminino, ter filhos, idade a partir de 36 anos, ter companheiro, ser da categoria profissional enfermeiro e ter outro emprego associaram-se aos TMC. Para a variável sexo verificou-se uma diferença entre os grupos de homens e mulheres, com violação da hipótese nula (RP: 2,07;  $p < 0,036$ ), sendo as mulheres mais expostas ao adoecimento mental. Para as demais variáveis o resultado não apontou diferenças entre os grupos (**Tabela 3**).

**Tabela 3** - Prevalências, razões de prevalência de TMC, segundo características sociodemográficas e laborais, entre trabalhadores(as) de enfermagem intensivista.

Exposições	TMC		
	P(%)	RP	p-valor
<b>Sexo (90)</b>			
Masculino	21,1		
Feminino	43,7	2,07	0,036
<b>Filhos (90)*</b>			
Não	34,3		
Sim	41,8	1,22	0,474
<b>Idade (90)*</b>			
Até 35 anos	32,1		
36 anos ou mais	41,9	1,30	0,377
<b>Situação conjugal (70)*</b>			
Sem companheiro	40,0		
Com companheiro	42,2	1,05	0,856
<b>Cor da pele (88)*</b>			
Brancos	37,5		
Pretos/pardos	38,8	1,03	0,944
<b>Categoria profissional (90)*</b>			
Enfermeiro/a	42,9	1,79	0,530
Auxiliar/Téc. Enfermagem	36,4		
<b>Possui outro emprego (90)*</b>			
Não	38,3		
Sim	39,5	1,03	0,994
<b>Turno de trabalho (90)*</b>			
Diurno	41,2	-	
Noturno	34,1	0,829	0,530
Escala Mista	46,7	1,13	0,720
<b>Unidade (90)*</b>			
UTI Geral	37,8		
UTI Cardiológica	40,0	1,05	0,828

**Legenda:** \*Os N variaram em função de perdas de informações para as variáveis analisadas.

**Fonte:** Rangel AF, et al., 2023.

## DISCUSSÃO

A prevalência de TMC entre os trabalhadores de enfermagem de unidade de terapia intensiva foi elevada. Mais de um terço da população investigada apresentou suspeição positiva para TMC. As características sociodemográficas e ocupacionais associaram-se aos TMC, no entanto, apenas o sexo apresentou significância estatística. A elevada prevalência de TMC encontrada entre os trabalhadores de enfermagem intensivistas é um achado preocupante que demonstra comprometimento da saúde mental que pode estar associada as características laborais. Mais de um terço da população estudada apresentou suspeição positiva para TMC. A prevalência de TMC supera os valores encontrados em outros estudos realizados com enfermeiros, como por exemplo: estudo realizado em um hospital psiquiátrico no Nordeste (SOUSA KHJF, et al., 2019), ou estudo realizado em um hospital geral na Bahia (RODRIGUES EP, et al., 2014) e em outro estudo realizado em um Hospital das Clínicas no Triângulo Mineiro (ALVES AP, et al., 2015).

A UTI é um setor onde os profissionais prestam uma assistência especializada a pacientes graves que demandam cuidados contínuos. Este ambiente exige uma dinâmica complexa, com recursos humanos qualificados e tecnologia moderna, devendo a equipe estar preparada para situações de emergência. Por este motivo é considerado um ambiente estressante tanto para pacientes quanto para profissionais que ali atuam. Nesse contexto a equipe de enfermagem está constantemente exposta a fatores estressores presentes no ambiente e que podem resultar em danos à saúde mental, além do risco de comprometer a qualidade da assistência prestada (CABRAL JVB, et al., 2016).

Por outro lado, estudo realizado com trabalhadores de enfermagem da rede básica de Botucatu encontrou prevalência de TMC de 42,6% (BRAGA LC, et al., 2010), ou seja, prevalência superior ao valor encontrado neste estudo. Esses achados informam que a equipe de enfermagem de modo geral, está sujeita a níveis elevados de adoecimento mental. Fato que pode estar relacionado às condições estressantes de trabalho. Deve-se levar em consideração que os efeitos do estresse ocupacional sobre a saúde mental se relacionam ao tempo e a intensidade ao qual o profissional permanece exposto aos fatores estressantes. No trabalho em enfermagem observa-se níveis elevados e constantes de estresse, o que pode diminuir as funções cognitivas do indivíduo, como a atenção, orientação e memória, trazendo prejuízos à saúde mental. Salienta-se ainda, que o comprometimento da saúde mental dos trabalhadores de enfermagem pode comprometer a qualidade da assistência prestada (CABRAL JVB, et al., 2016).

Os trabalhadores de enfermagem participantes deste estudo atuaram ativamente durante a pandemia, sendo que uma das UTI pesquisadas foi destinada especificamente para atendimento aos casos suspeitos e confirmados da COVID-19. Esse período foi permeado por escassez de equipamentos de proteção Individual, ansiedade provocada pelo uso contínuo destes equipamentos por longos períodos e pelo medo do desconhecido, por ser uma doença nova ainda sem medicações para tratamento específico (TEIXEIRA CFS, et al., 2020). Esses fatores, em conjunto, podem ter contribuído para aumentar o nível de estresse destes profissionais podendo ser uma das causas da elevada prevalência de TMC entre nesta população.

A equipe de enfermagem ainda é uma categoria profissional com predominância feminina (SILVA AA, et al., 2011), fato este que pode ser atribuído às diferenças de gênero que permanecem no mercado de trabalho, e continuam estruturando diferentes ocupações para homens e mulheres (HIRATA H e KEGOAT D, 2007). Ressalta-se que transtornos mentais em geral são mais comuns em mulheres. Isto pode estar relacionado a fatores genéticos, hormonais, influências metabólicas, mas em grande parte aos estereótipos de gênero construídos e reproduzidos na sociedade (CARLOTTO MS, et al., 2011). Sabe-se, por exemplo, que as enfermeiras além de atuarem nas rotinas hospitalares e no processo do cuidar, muitas vezes são as únicas pelo cuidado da família e pelo trabalho doméstico, o que conseqüentemente ocasiona maior cansaço físico e mental (CAMPOS FM, et al., 2020).

Em relação ao cuidado familiar, observa-se que a maioria dos participantes revelaram que possuem um filho ou mais, o que contribui para aumentar as tarefas domésticas. Resultado semelhante foi encontrado na literatura (BRAGA LC, et al., 2010). Neste estudo, observou-se maior probabilidade de apresentar TMC entre os trabalhadores de enfermagem que possuíam filhos, quando comparados com aqueles que não possuíam filhos. Este achado pode ser justificado pelo fato de que a criação de filhos é muitas vezes considerada desgastante, fazendo com que o indivíduo tenha dupla ou tripla jornada, reduzindo o tempo disponível para descanso, muitas vezes ocasionando excesso de trabalho e exaustão física e mental. Ressalta-se ainda que a tarefa de cuidar dos filhos é, geralmente, realizada pelas mulheres, fato que contribui para agravar a exposição dessas trabalhadoras ao adoecimento mental (CAMPOS FM, et al., 2020).

No que se refere à faixa etária, foi verificado que a maioria possuía mais de 35 anos. Os profissionais com maior idade apresentaram maior probabilidade para TMC, corroborando com os resultados encontrados na literatura (MOURA RCD, et al., 2022). Outro estudo realizado com trabalhadores de unidades para tratamento da COVID-19 apresentou resultado divergente, sendo verificado maior prevalência de TMC entre os trabalhadores mais jovens, os autores justificam o fato de que a pandemia impactou drasticamente a vida dos indivíduos jovens trabalhadores, que são responsáveis pelos cuidados dos filhos pequenos, já que as medidas de distanciamento/isolamento fragilizaram a vida social e as redes de apoio familiares (CENTENARO APFC,

et al., 2022). A grande maioria dos trabalhadores se declarou pardos/pretos, fato que está de acordo com as características da população de onde a amostra foi extraída. O estado da Bahia apresenta os maiores percentuais proporcionais de população negra no país, aproximadamente 80,0%, sendo responsáveis por 81,6% da força de trabalho no ano de 2019 (BAHIA, 2020). A raça/cor preta e parda associou-se a maior ocorrência de TMC, apesar não apresentar significância estatística. Este achado corrobora com os dados encontrados em outros estudos (CAMPOS FM, et al., 2020; MORAES RSM, et al., 2017).

Maior vulnerabilidade de trabalhadores negros a ocupar postos de trabalho mais estressantes (MATTOS AIS, et al., 2017) e maior exposição ao adoecimento mental (MORAES RSM, et al., 2017) em decorrência de desigualdades de raça tem sido descrita na literatura. A raça determina a estrutura de oportunidades sociais como educação e renda bem como a exposição a riscos e condições de vida e saúde (SMOLEN JR, et al., 2018), fatores que estão diretamente relacionados à saúde mental (MORAES RSM, et al., 2017).

Ainda em relação às características sociodemográficas, a maioria dos trabalhadores referiu possuir companheiro. Em contradição a um estudo realizado com profissionais de enfermagem em um hospital psiquiátrico no Nordeste do Brasil onde a maioria dos profissionais de enfermagem não convivem com companheiros (SOUSA KHJF, et al., 2019).

Possuir companheiro associou-se a maior prevalência de TMC, apesar de não apresentar significância estatística. No entanto, sabe-se que possuir companheiro contribui para aumentar o tempo dedicado ao trabalho familiar, assim como possuir filhos, esses fatores podem contribuir para redução do tempo disponível para desenvolver estratégias positivas de enfrentamento, tais como práticas de lazer, realização de atividades físicas e autocuidado, ações que poderiam contribuir para preservação da saúde psíquica e redução do adoecimento mental (MACHADO ES, et al., 2022).

Técnicos de enfermagem predominaram na população estudada, no entanto a prevalência de TMC foi maior entre os enfermeiros. Esse achado corrobora com dados da literatura que apontam maior prevalência de TMC entre os enfermeiros, quando comparados aos auxiliares e aos técnicos de enfermagem (MOURA RCD, et al., 2022). Ressalta-se que os enfermeiros além de desempenhar um papel importante na preservação da integridade física e psicossocial dos pacientes são também responsáveis por desenvolver atividades gerenciais e assistenciais (RODRIGUES EP, et al., 2014). Este acúmulo de tarefas eleva as demandas física e psicológica do trabalho, estressores psicossociais reconhecidamente associados a desfechos negativos sobre a saúde mental (SOUSA CC, et al., 2021).

Enfermeiros que atuam em cuidados críticos estão altamente predispostos a estressores ocupacionais (SILVA JLL, et al., 2015). Aspectos relacionados às relações interpessoais, a sobrecarga de trabalho e a estrutura organizacional das unidades de terapia intensiva aparecem como fatores estressores mais evidentes. A unidade de terapia intensiva é um setor considerado desgastante em virtude da especificidade das tarefas. Dentre os fatores estressores ocupacionais, verificam-se: a presença constante de óbitos, frequentes situações de emergência, rígido controle de material utilizado e de equipamentos, tempo mínimo disponível para realização de procedimentos, falta de pessoal e escassez de materiais, ruído constante dos aparelhos, o sofrimento e angústia dos pacientes e familiares (MONTE PF, et al., 2013).

A categoria de enfermagem ainda atua com a constante desvalorização profissional e baixa remuneração, o que faz com que estes indivíduos busquem por formas de aumentar sua renda. Quase metade dos trabalhadores declararam possuir mais de um vínculo empregatício, sendo relacionado a este grupo maior prevalência de TMC. Dados semelhantes foram encontrados em outros estudos (ALVES AP, et al., 2015; (RODRIGUES EP, et al., 2014; BRAGA LC, et al., 2010) que demonstram que profissionais de enfermagem tendem a buscar mais formas de inserção ao mercado de trabalho aumentando sua carga horária semanal, consequentemente reduzindo o tempo de lazer e prejudicando a qualidade de vida. A busca por melhor renda e estabilidade financeira motivam aos profissionais de enfermagem a acumular postos de trabalho, intensificando, dessa maneira a exposição aos estressores ocupais (BRAGA LC, et al., 2010).

Trabalhadores que atuavam em escala mista apresentaram maior probabilidade de apresentarem TMC. Estes dados contradizem resultados encontrados na literatura, a exemplo de um estudo realizado com

profissionais de saúde em um hospital no Triângulo Mineiro, que demonstrou que indivíduos que trabalham no período noturno possuem três vezes mais chances de adquirir TMC que os trabalhadores do período diurno (ALVES AP, et al., 2015).

Outro estudo realizado com quatro hospitais universitários da região Sul e Sudeste do Brasil demonstrou que trabalhadores de enfermagem que atuam a noite possuem maior prevalência de TMC do que trabalhadores que exerciam suas tarefas predominantemente durante o dia (KIRCHHOF ALC, et al., 2009).

Por fim, deve-se levar em consideração possíveis limitações do estudo, com destaque aquelas inerentes aos estudos transversais como o viés de memória - é possível que sintomas relacionados aos TMC tenham sido esquecidos pelos participantes da pesquisa, no momento de responder o questionário. As perdas na amostra é outro limitador do estudo, uma vez que pode interferir no resultado final. Outra limitação refere-se ao efeito do trabalhador sadio, trabalhadores que no período da pesquisa estavam afastados do trabalho por licença médica não participaram do estudo. Além disso, os trabalhadores com sofrimento mental grave certamente não se mantem/entram no mercado de trabalho, especialmente no setor saúde onde exige-se altas demandas psíquicas, repercutindo também no viés de prevalência, onde o observado pode estar subestimado, não refletido de fato a realidade. Por fim, deve-se considerar que a coleta de dados ocorreu no período da pandemia da COVID-19, fato que pode ter contribuído para intensificar os danos à saúde mental dos trabalhadores de enfermagem.

## CONCLUSÃO

Verificou-se elevada prevalência de TMC entre trabalhadores de enfermagem intensivista, associada aos aspectos sociodemográficos e características laborais, o que torna urgente a intervenção sobre esses fatores de exposição a fim de reduzir os agravos à saúde mental. Para isso é premente que profissionais e gestores estejam cientes dos possíveis fatores de riscos inerentes ao trabalho em UTIs, visando intervir na perspectiva da promoção em saúde, alinhado a investimentos em avaliações periódicas da situação de saúde dos trabalhadores, acesso à educação permanente, a promoção de um ambiente de trabalho saudável e suporte para reorientações de hábitos e comportamentos a fim de preservar a saúde mental dos trabalhadores. Neste sentido, pequenas medidas podem ser implantadas, tais como: a criação de rodas de conversa entre equipe e gestores objetivando melhorias no setor, com redução dos estressores laborais, apoio psicológico, palestras de conscientização sobre a saúde do profissional intensivista, criação de uma rede de apoio, dimensionamento adequado de pessoal e redução de desigualdades de gênero no ambiente laboral.

## REFERÊNCIAS

1. ALVES AP, et al. Prevalência de transtornos mentais comuns entre profissionais de saúde. Revista de enfermagem UERJ. 2015; 23(1):64-69.
2. ANDRADE FXF, SANTOS AC. As Condições de Trabalho e a Saúde do Enfermeiro nas Unidades de Terapia Intensiva. Revista de Iniciação Científica e Extensão, 2021; 4(2):649-66.
3. BAHIA. Panorama socioeconômico da população negra da Bahia. Textos para discussão, nº 17. Salvador, 2020. Disponível em: [https://sei.ba.gov.br/images/publicacoes/download/textos\\_discussao/texto\\_discussao\\_17.pdf](https://sei.ba.gov.br/images/publicacoes/download/textos_discussao/texto_discussao_17.pdf). Acessado em: 30 de junho de 2022.
4. BARRETO DO CARMO MB, et al. Screening for common mental disorders using the SRQ-20 in Brazil: what are the alternative strategies for analysis? Revista Brasileira de Psiquiatria. 2018;40(2):115-122.
5. BRAGA LC, et al. Condições de trabalho e transtornos mentais comuns em trabalhadores da rede básica de saúde de Botucatu (SP). Ciência e Saúde Coletiva, 2010; 5:1585-96.
6. CABRAL JVB, et al. Estresse dos profissionais de enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Rev eletrônica "Diálogos Acadêmicos, 2016; 11(2):33-42.
7. CAMPOS FM, et al. Estresse ocupacional e saúde mental no trabalho em saúde: desigualdades de gênero e raça. Cadernos de Saúde Coletiva [online], 2020; 28(4):579-589.
8. CARLOTTO MS, et al. Transtornos Mentais Comuns e fatores associados em trabalhadores: uma análise na perspectiva de gênero. Cadernos de Saúde Coletiva, 2011; 19(2):172-178.

9. CENTENARO APFC, et al. Common mental disorders and associated factors in nursing workers in COVID-19 units. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 2022; 56: e20220059.
10. CRUZ SPDL e ABELLÁN MV. Desgaste profissional, stress e satisfação no trabalho do pessoal de enfermagem em um hospital universitário. *Revista Latino Americana*, 2015, 23(3): 543-552.
11. HIRATA H e KERGOAT D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 2007; 37(132):595-609.
12. KANG L. et al. The mental health of medical workers in Wuhan, China dealing with the 2019 novel coronavirus. *The Lancet Psychiatry*, 2020; 7(3): e14.
13. KIRCHHOF ALC, et al. Condições de trabalho e características sócio-demográficas relacionadas à presença de distúrbios psíquicos menores em trabalhadores de enfermagem. *Texto contexto – enfermagem*, 2009; 18(2): 215-23.
14. MACHADO ES, et al. Occupational stress and common mental disorders: how do coping strategies work? *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, 2022; 20(2): 195-205.
15. MATTOS AIS, et al. Interação entre demanda-controle e apoio social na ocorrência de transtornos mentais comuns. *Revista de Saúde Pública*, 2017; 51(48).
16. MONTE PF, et al. Estresse dos profissionais enfermeiros que atuam na unidade de terapia intensiva. *Acta Paulista de Enfermagem*, 2013; 26(5): 421-427.
17. MORAES RSM, et al. Social inequalities in the prevalence of common mental disorders in adults: a population-based study in Southern Brazil. *Revista brasileira de epidemiologia*, 2017; 20(01): 43-56.
18. MOURA RCD, et al. Transtornos mentais comuns em profissionais de enfermagem de serviços de emergência. *Acta Paulista de Enfermagem*, 2022; 35(35): eAPE03032.
19. OLIVEIRA WA, et al. Impactos psicológicos e ocupacionais das sucessivas ondas recentes de pandemias em profissionais da saúde: revisão integrativa e lições aprendidas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 2020; 37: e200066.
20. RODRIGUES EP, et al. Prevalência de transtornos mentais comuns em trabalhadores de enfermagem em um hospital da Bahia. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2014; 67(2): 296-301.
21. SANTOS FF, et al. Common mental disorders in nursing technicians of a university hospital. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2020; 73(1): e20180513.
22. SANTOS KOB, et al. Avaliação de um instrumento de mensuração de morbidade psíquica: estudo de validação do self-reporting questionnaire (SRQ-20). *Revista Baiana de Saúde Pública*, 2010; 34(3): 544-560.
23. SILVA JLL et al. Fatores psicossociais e prevalência da síndrome de burnout entre trabalhadores de enfermagem intensivistas. *Revista brasileira de terapia intensiva*, 2015; 27(2): 125–33.
24. SILVA AA, et al. Jornadas de trabalho na enfermagem: entre necessidades individuais e condições de trabalho. *Revista de Saúde Pública*, 2011; 45(6): 1117- 1126.
25. SMOLEN JR, et al. intersectionality of race, gender, and common mental disorders in northeastern Brazil. *Ethnicity & Disease*, 2018; 28(3): 207-212.
26. SOUSA KHJF, et al. Transtornos mentais comuns entre trabalhadores de enfermagem de um hospital psiquiátrico. *Acta Paulista de Enfermagem*, 2019; 32(1): 1-10.
27. SOUSA CC, et al. Insatisfação com o trabalho, aspectos psicossociais, satisfação pessoal e saúde mental de trabalhadores e trabalhadoras da saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 2021; 37(7): e00246320.
28. TEIXEIRA CFS, et al. A saúde dos profissionais dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de COVID-19. *Ciência e saúde coletiva*, 2020; 25(9): 3465-3474.
29. ZHANG W, et al. Mental health and psychosocial problems of medical health workers during the COVID-19 epidemic in China. *Psychotherapy and Psychosomatics*, 2020; 89(4): 242–250.